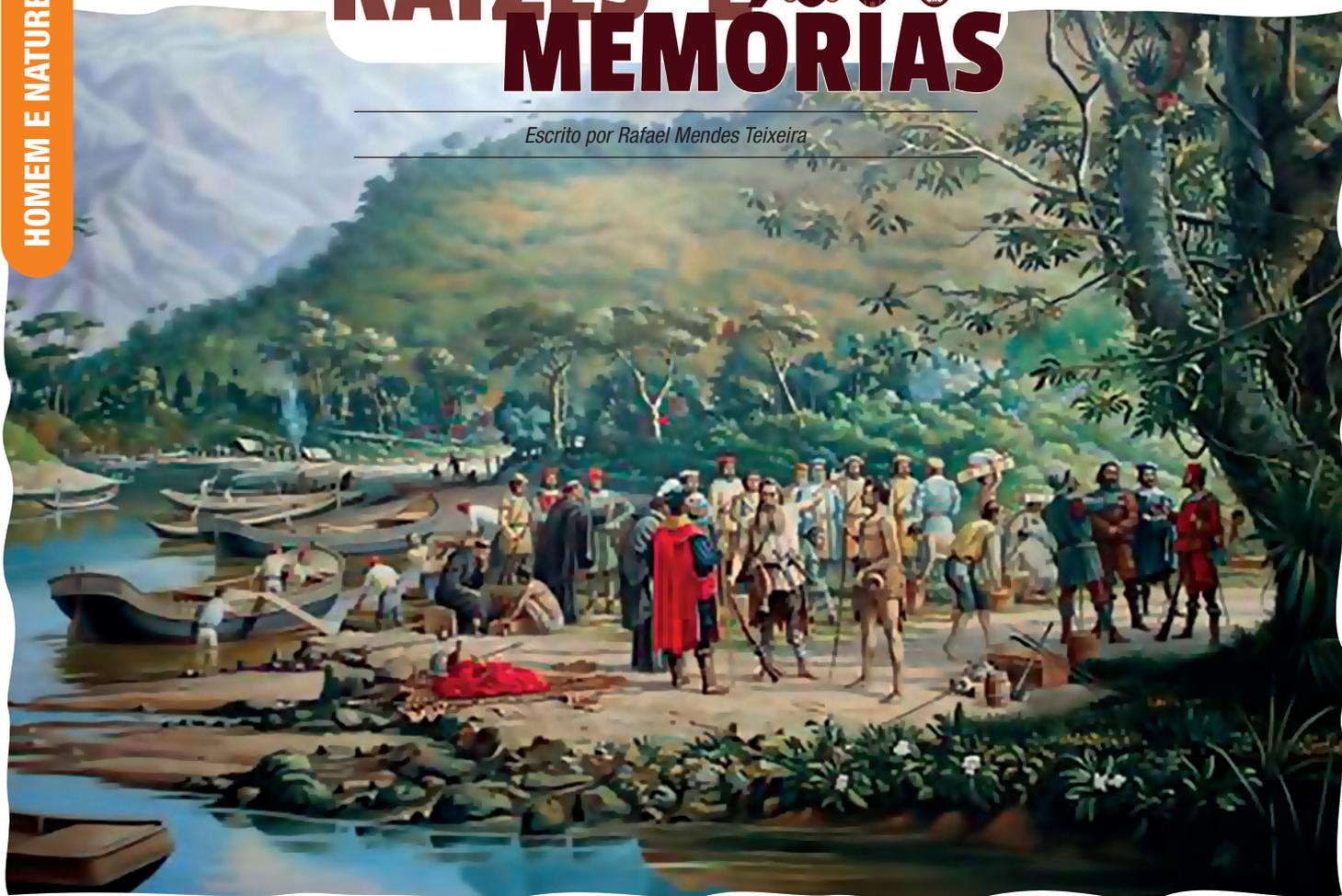


# RAÍZES E MEMÓRIAS

Escrito por Rafael Mendes Teixeira



João Ramalho aponta o caminho de Piratininga a Martim Afonso de Souza, c. 1912. Benedito Calixto (Brasil, 1853-1927).

## QUANDO OS RIOS GUIAVAM VIDAS: DO PASSADO AO PRESENTE DE SANTO ANDRÉ



Já imaginou que a história de Santo André está profundamente conectada com seus cursos d'água? Juntos eles compõem cerca de 130 quilômetros de extensão dentro do atual município! São rios, córregos, ribeirões e nascentes que cortam seu território e que foram fundamentais, tanto na vida das populações que por aqui se estabeleceram, quanto no desenvolvimento da cidade. A região onde está situada a atual cidade de Santo André sempre foi reconhecida pela sua quantidade abundante de águas e chuva e, antes

mesmo de ser chamada de Santo André, era área de passagem e habitação de populações indígenas, como a etnia dos Guaianases que eram conhecidos por seus hábitos de pesca, caça e coleta de frutos. Após a chegada dos colonizadores europeus, João Ramalho, vindo de Portugal para os campos de **Piratininga**, fundou o antigo e extinto povoado de Santo André da Borda do Campo e ali foram instaladas fazendas com roças, áreas de pastagem e criações de animais.



Barcos no rio Tamanduateí - Vincenzo Pastore (Acervo Instituto Moreira Salles)

Ao longo dos séculos, essa relação dos rios com os meios de subsistência se transformou. A expansão de centros urbanos, como São Paulo, trouxe consigo o aumento da população, a construção de diversas estruturas e, com isso, a alteração do ambiente, que se espalhou para seus arredores.

Ferrovias passaram a cruzar a região que ficava entre o **planalto** e o mar, fazendo com que as paisagens antes verdes passassem a ficar gradativamente mais **urbanizadas**. As necessidades dessa população cada vez maior na região fez com que se instalasse uma **usina hidrelétrica** no município de Cubatão, a Usina Henry Borden, o que causou uma grande modificação ambiental ao represar

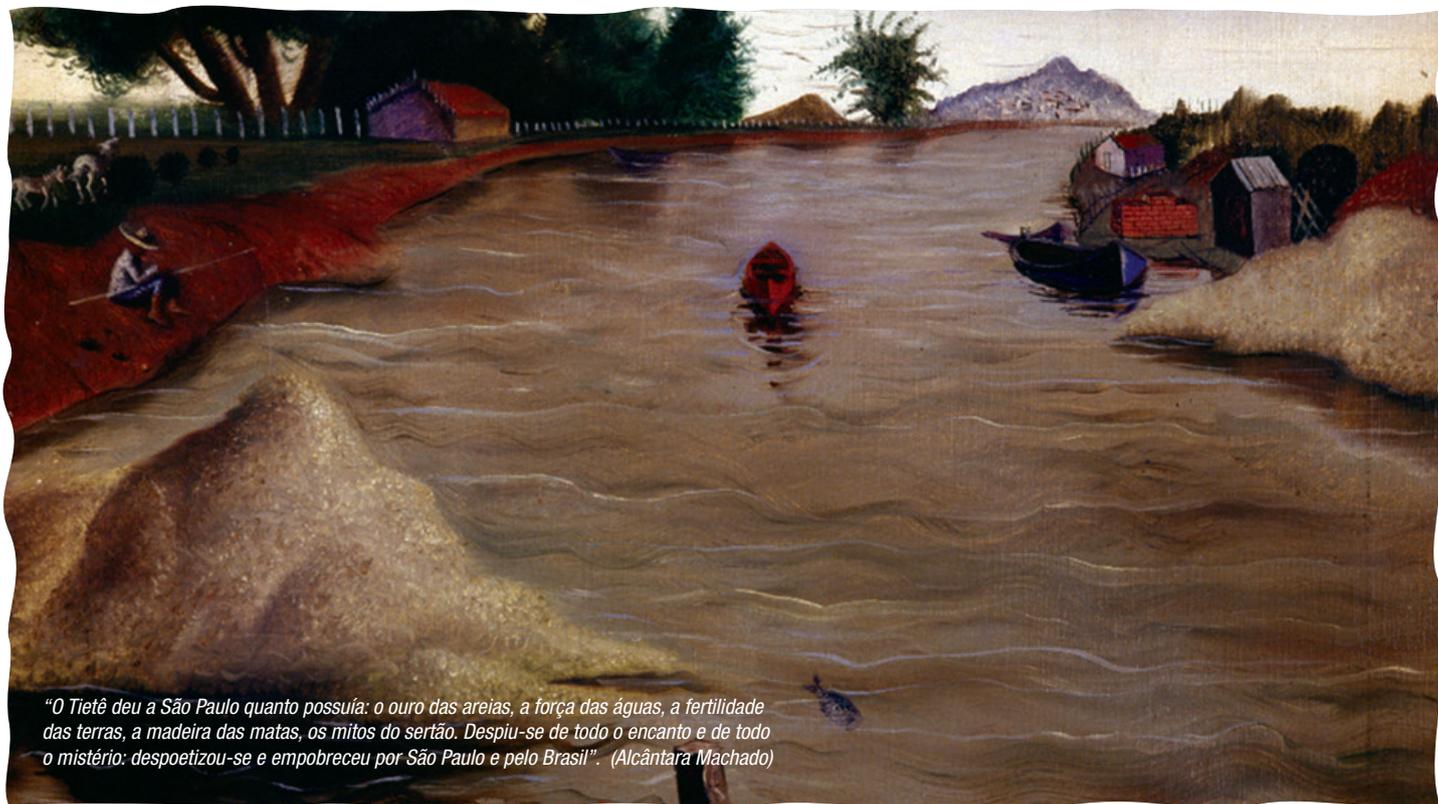
a água de rios como o Rio Grande, também chamado de Jurubatuba, criando-se reservatórios, como o da represa Billings, desviando a água de outros rios, como o Tietê e seus afluentes e até revertendo o sentido natural das águas do Rio Pinheiros para fins de abastecimento público.

A **impermeabilização do solo** dos centros urbanos também causou grandes impactos, trazendo casos de enchentes que aumentaram ao ponto dos governos municipais passarem a canalizar seus rios. Apesar das supostas vantagens aparentes, a canalização de rios gera diversos outros impactos ambientais negativos, como a perda de biodiversidade, a alteração de ecossistemas e o apagamento de parte da identidade de um território.

### Rio Tamanduateí perde curvas com canalização ao longo dos anos.

Veja, nessa matéria do G1, as alterações que aconteceram no curso do rio Tamanduateí, no trecho que passa pela cidade de São Paulo.





*"O Tietê deu a São Paulo quanto possuía: o ouro das areias, a força das águas, a fertilidade das terras, a madeira das matas, os mitos do sertão. Despiu-se de todo o encanto e de todo o mistério: despoetizou-se e empobreceu por São Paulo e pelo Brasil". (Alcântara Machado)*

Rio Tietê - Candido Portinari, 1935.

## Rios e Identidade: Uma breve história do Tietê

A história do Tietê se confunde com a história de ocupação e desenvolvimento da própria região, onde, desde antes da colonização, indígenas já habitavam suas margens para se alimentar da abundância de caça e pesca existentes. Foi às custas de suas águas puras e ricas em vida, que São Paulo e cidades do entorno cresceram, servindo ao deslocamento para o interior do território e posteriormente para exploração do ouro de aluvião, como eram chamados os fragmentos de ouro encontrados nos leitos de rios. Com a chegada do café, veio mais "desenvolvimento" e suas margens, antes preenchidas por matas ciliares, foram derrubadas para dar lugar às fábricas e indústrias que se instalaram nas suas várzeas, utilizando a madeira nos fornos das olarias. Do seu leito, retiravam-se a argila, a

areia e pedregulhos para a construção urbana e deixavam-se todos os rejeitos desses empreendimentos. A água era conveniente para a criação de gado e suínos e ainda recebia todos os seus dejetos, o que passou a inspirar, também, os povoamentos que despejavam diretamente seus resíduos domésticos sólidos e líquidos. Porém, mesmo que houvesse poluição

das águas do Tietê nesse período, lá ainda era adequado para lavar roupas e se banhar, o que não tardou a acabar devido ao adensamento populacional, intensificação da industrialização e das mazelas da sociedade urbana. Assim, o rio que antes era a artéria principal de toda uma região e por anos fez fluir sua essência, passou a ser visto como estorvo com suas águas, agora, fétidas.



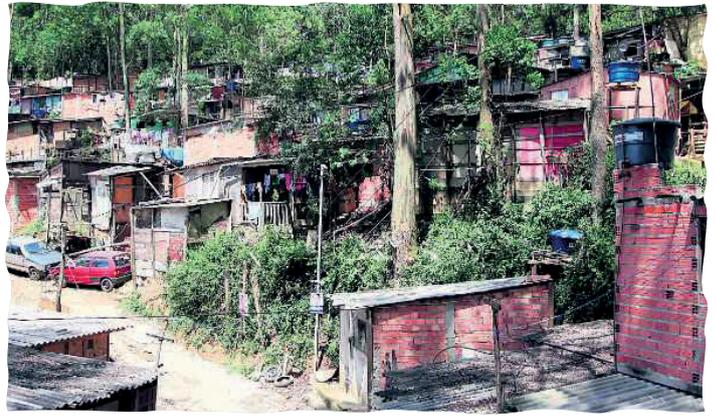
Avenida Prestes Maia, Santo André. Foto: Helber Aggio

Em Santo André, assim como em outros municípios do ABC Paulista, diversas vias hoje utilizadas pelos incontáveis carros, ônibus, caminhões e motocicletas escondem seus passados. A movimentada avenida Prestes Maia corre sobre o ribeirão dos Meninos e córrego Beraldo para conectar o bairro Campestre ao Santa Terezinha.

Na avenida João Amazonas e parte da estrada da Cata Preta, na Vila Luzita, a ocupação urbana modificou o curso de seus córregos. Na região da avenida Professor Luiz Ignácio de Anhaia Mello, o córrego Cassaquera foi canalizado e retificado. Na importante avenida dos Estados, uma grande obra de infraestrutura foi necessária para canalizar a passagem do rio Tamanduateí.

Apesar desse movimento ser cada vez mais frequente no cenário atual, alguns grupos buscam resgatar parte da história de seus territórios. O projeto “Oceano ao meu lado | Com a voz dos rios”, idealizado pelo SESC Santo André, é composto por produções audiovisuais voltadas à educação para sustentabilidade, cujo objetivo é sensibilizar sobre a necessidade de preservação dos recursos hídricos presentes no entorno de nossos ambientes de convívio, sendo nascentes, córregos e rios que passam ao nosso lado e juntam-se ao oceano, muitas vezes despercebidos e desconhecidos, mas que merecem atenção.

Os rios de Santo André, assim como em praticamente todas as outras regiões, passaram por profundas transformações ao longo da história. O que antes eram recursos naturais utilizados por populações tradicionais para subsistência, tornaram-se vítimas do crescimento, muitas vezes desordenado, das cidades. Hoje, as águas que antes corriam livres e limpas, em muitos casos, foram canalizadas ou poluídas, demonstrando a urgência de uma relação mais equilibrada entre o progresso e a conservação. Compreender a história do nosso território é muito importante para que as futuras gerações possam valorizar e proteger os rios e outros recursos naturais que ainda restam, evitando que se repitam os erros do passado.



Parte da estrada da Cata Preta, na Vila Luzita



Antes e depois da retificação e canalização do córrego Cassaquera.



Avenida dos Estados



Saiba mais sobre o córrego Utinga! Acesse o link